

As fontes orais e o trabalho do historiador na explicação histórica*

VAGNER JOSÉ MOREIRA**

Nas últimas décadas, o trabalho de investigação histórica foi redimensionado com o uso dos diversos materiais históricos como linguagens (WILLIAMS, 1979). O tratamento dado pelos historiadores aos documentos levou-os identificar e problematizar sempre as propriedades específicas de cada fonte para potencializar as possibilidades de interpretação histórica. No Brasil, a partir dessa perspectiva, uma tradição historiográfica vem se firmando na reflexão das possibilidades metodológicas da história oral e do uso da fonte oral como documento no trabalho do historiador. Dentre as diversas propriedades específicas da fonte oral temos problematizado, no exercício da explicação histórica, a memória, a oralidade e a subjetividade, atravessados pela perscrutação de atos interpretativos, enredos, tendências, procedimentos narrativos e simbólicos (KHOURY, 2001, 2004, 2006, 2010; PORTELLI, 1993, 1996a, 1996b, 1997a, 1997b, 1997c, 2004, 2008).

As fontes com os quais o historiador lida em seu ofício expressam sempre evidências de experiências de sujeitos históricos inseridos em relações sociais. O material usado pelo historiador foi produzido em meio a tensões e contradições do vivido, e em um tempo específico. Hoje não é mais suficiente que o historiador, em suas pesquisas, busque o “conteúdo” expresso nas fontes. Igualmente importante é o *como* esse “conteúdo” está expresso nas fontes. A crítica das fontes deve problematizar a produção das mesmas (quem as produziu, onde e com quais interesses as produziu), bem como sua preservação e a inserção destas nas relações. Assim, é possível romper com o uso corrente das fontes como mero depósito de dados objetivos, ilustração ou espelho fiel da realidade.

* Artigo parte de algumas considerações da tese: MOREIRA, V. J. **Memórias e histórias de trabalhadores em luta pela terra: Fernandópolis-SP, 1946-1964**. 2009. 266 f. Tese (Doutorado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia, UFU, Uberlândia, 2009. Orientado pelo Dr. Paulo Roberto de Almeida.

** Professor do Curso de História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE; Coordenador do Laboratório de Pesquisa Trabalho e Movimentos Sociais – LTMS/UNIOESTE. Doutor em História Social pela Universidade Federal de Uberlândia.

A formulação é significativa no contexto de uma tradição historiográfica que assume os desafios de lidar com as fontes como múltiplas linguagens produzidas no viver diário dos sujeitos históricos. Mesmo em relação à fonte oral, em que o pesquisador produz o próprio material na relação dialógica com os sujeitos, que narram suas memórias e histórias cotidianamente, não apenas ao historiador. É necessário afirmar que a produção do historiador também produz memórias e histórias.

No momento da produção das entrevistas, a versão dos acontecimentos do próprio historiador orienta a produção das narrativas orais para a pesquisa e denuncia a subjetividade da relação entre entrevistador e entrevistado. Essa questão emerge na entrevista com Anna Zendron Figueiredo, com a participação da sua filha Zenith Zendron Figueiredo. A entrevista foi produzida para a pesquisa sobre a disputa em torno da memória do movimento social de trabalhadores de 1949, em Fernandópolis, região Noroeste do Estado de São Paulo, movimento descrito como “levante comunista”. Anna Zendron foi esposa de José Antônio Figueiredo, o Zé Cearense, que atuou como vereador, liderança junto aos trabalhadores rurais da região (MOREIRA, 2009). Por muito tempo assumiu-se politicamente como comunista.

Embora eu tenha feito menção ao movimento social de 1949 quando agendei a entrevista com Anna Zendron, iniciei a sua entrevista com perguntas cujos enunciados almejavam respostas sobre as condições de vida ou necessidades vividas pelos trabalhadores no campo e na cidade, as pressões para os movimentos dos trabalhadores e para a “revolução agrária” – categoria histórica inúmeras vezes referenciada no inquérito policial e processo criminal¹ instaurados para apurar o caso do “levante comunista” de junho de 1949 (PROCESSO CRIME, n. 140, de 23 de agosto de 1949). Talvez, nesse momento da pesquisa, eu estivesse muito influenciado pela leitura do referido processo criminal.

Ana Zendron descreve a dificuldade por ela encontrada em sua mudança para a cidade, principalmente com relação à moradia, as condições das ruas, a falta de escolas e demais condições experimentadas na cidade, utilizando como contraponto a idealização da cidade em que residia antes, Itápolis. Suas respostas não continham o conteúdo

¹ Cf. PROCESSO CRIME, n. 140, de 23 de agosto de 1949. O inquérito policial e o processo criminal serão problematizados no II Capítulo.

esperado, naquele momento. Mesmo assim, Anna Zendron, ao narrar sobre como viviam e o quê faziam logo que se deslocaram para Fernandópolis, afirmou:

Anna Zendron: [...] Formemo fazenda lá em Itápolis. Então a gente quando veio trouxe alguma coisinha. Quando veio prá cá já veio por causa disso mesmo. Porque disse que tava abrindo aqui (...) [trecho da entrevista de impossível transcrição] era uma loucura. Tinha uns camaradas dele que trabalhava nisso. Tinha serrote, tinha muita coisa, então. Ele veio prá e foi trabalhá nesse sertão. Então, fazenda o, era mata, derrubada [...]. Eu mesmo cozinhei muito... [...]. Eu sei que... Eu falo sempre, que eu não tive escola, não tivi pai, não tivi mãe. A mãe não conheci, o pai morreu eu era pequeninha, fui criada pela casa dos zoutro, depois crescendo e trabalhando. Já pequena fazia serviço, varria quintal, tratava de galinha, ajudava limpá a casa. Fui crescendo assim. Nem escola me deram, nem nada. Fui criada assim, sem pai sem mãe. Não conheci mãe, meu pai também morreu logo. A gente foi criada assim.

Então, até esse marido meu, ele veio do Ceará, veio pra cá. Ele pegava fazenda pra derrubá mato, pra abri fazenda assim, sabe? (FIGUEIREDO, 2006).

Em sua breve autobiografia, Anna Zendron Figueiredo descreve a si mesma como trabalhadora desde criança. Angustia-se muito por perdido o pai e mãe ainda muito nova, pois, do contrário, o futuro poderia ter sido outro, poderia ter estudado – essas são expectativas que orientam a perspectiva do ato interpretativo. Junto com José Antônio Figueiredo, “abria fazenda”, derrubando a mata para formar pasto para o gado. Depois da derrubada a mata, geralmente preparava a terra para a roça e plantava por três anos antes do plantio do capim. Na divisão do trabalho cabia a Anna Zendron o trabalho na cozinha, o preparo dos alimentos, não apenas para a família, mas também para os demais trabalhadores que prestavam serviço a Zé Cearense.

Em pequenos trechos ou frases curtas da narrativa é possível problematizar as condições vividas pelos trabalhadores. É significativo o fato de Anna Zendron qualificar Fernandópolis como “sertão”. Assim, viver e trabalhar no “sertão” não era fácil – “era uma loucura”. O sentido dos adjetivos “sertão” e “loucura” dimensionam os significados atribuídos ao trabalho de formação das fazendas – uma vida de trabalho não apenas de privação, mas de trabalho custoso, penoso e pesado. Nas entrevistas os sujeitos utilizam um repertório de categorias que foram elaborados e utilizados em outros contextos e com outros sentidos. A noção “sertão” está impregnada com os

sentidos atribuídos e marcada pela narrativa do “progresso” e do “desbravamento do sertão” pelos “pioneiros”. A memória mitológica e hegemônica proclamada na imprensa local e em diversas narrativas orais produzidas para o livro sobre a “história da cidade” (PESSOTA, 1996).

A narrativa de Anna Zendron desenvolveu-se a partir de um determinado tema por ela escolhido para a entrevista concedida ao pesquisador. No enredo – fato apenas percebido depois de prestar atenção nas intervenções de sua filha Zenith durante a entrevista – percebe-se o quanto mãe e filha se esforçaram para construir a imagem de “homem caridoso” para José Antônio Figueiredo:

Vagner: A senhora estava falando que o marido da senhora foi perseguido.

Anna Zendron: Foi perseguido, (...) preso dois anos, por causa do Partido Comunista. (Silêncio)

Vagner: Como é que foi essa história?

Anna Zendron: Olha, pra falá a verdade pro senhor, ele (...) não podia pendê pro lado das pessoas humilde, não podia pendê. E ele tinha muita dó. E ele defendeu esses, aonde que ele, por causa disso daí caiu em contradição foi preso também, por causa disso daí. Mas não que ele quisesse outra coisa, tirasse alguma coisa dos outros, nem nada disso, não tinha nada disso. Ele queria era ajudá os outros, falando pros próprio dono da terra “cêis não vão plantá, a terra tá í. (...) Eles planta e na colheita cêis pega a parte de vocês e eles pega a parte deles.” E eles então acharam que meu marido tava envolvido também e não tava. Ele tava, ele era muito caridoso, ele loteou isso aqui, essa chácara aqui, ele loteou e deu tanto lote pra viúva...

Vagner: Mas aí a senhora falou que, ele era do Partido Comunista?

Anna Zendron: Ele tinha sido sim do partido, porque era uma pessoa, era assim, sabe? Era porque os pobre não tinham aonde cai morto e as pessoas com uma fazendona, com terra, não podia dar um pedacinho pra aquele plantá? E ele então si doeu, vou te contar, ele mesmo, ele mesmo falou assim: “Olha, a gente, nós sono tudo irmão, fio de um pai só, se eu tenho um pouco mais”, por que ele foi muito caridoso, ele loteou isso aqui, ele ficou com isso aqui e dou lote aqui pra viúva. “Ai seu Zé, o senhor me vende e aí vou pagando aos pouquinho.” “Não, muito obrigado.” Já sabia tudo da vida dela como é que era, se era gente que merecia, essas coisas assim, né. Gente dentro da moral, né. E ele deu muito lote aqui pra viúva. Até a mulher faleceu há pouco tempo, se essa mulher fosse viva ela ia se testemunha. Ela falou: “Seu José foi um homem muito bom pros pobre”. Ele tinha dó, né. E

ele loteou isso daqui e deu lote pra muita gente, viúva, pessoa que tinha o marido já (...). (FIGUEIREDO, 2006).

O silêncio, os diálogos construídos entre diversos sujeitos e os demais procedimentos narrativos utilizados, “prá falá a verdade pro senhor”, corroboram a perspectiva construída na narrativa e, entre outras coisas, indica a representatividade e a autoridade da narrativa. A versão para o movimento dos trabalhadores de 1949 e a participação de Zé Cearense no movimento foi sendo delineada. Para Anna Zendron, Zé Cearense foi preso e torturado injustamente, pois ele não estava envolvido nas acusações e, além disso, era um homem “muito caridoso”.

José Antônio Figueiredo estava envolvido no movimento dos trabalhadores de 23 para 24 de junho de 1949², participando de várias atividades, e de outros movimentos de trabalhadores na luta por direitos trabalhistas e na luta por melhor preço para os produtos agrícolas, durante a década de 1950.

Anna Zendron identifica os principais problemas vividos pelos trabalhadores na região de Fernandópolis ao circunstanciar os arrendamentos, o pagamento da renda pelos arrendatários e os despejos. Todavia, a subjetividade denotada na narrativa está relacionada muito mais aos sentidos que Anna Zendron atribui àquele processo histórico do que ao “estado de ânimo” de Zé Cearense. Na versão de Anna Zendron, a partir da memória de um possível diálogo entre Zé Cearense e proprietários de terras, “cêis não vão plantá, a terra tá í. (...) Eles planta e na colheita cêis pega a parte de vocês e eles pega a parte deles”, têm-se a proposição de ampliar a área de arrendamento aos trabalhadores. Desse trecho da narrativa emergem evidências de alguns problemas vividos: certamente os proprietários de terras não estavam mais dispostos a arrendar as terras aos trabalhadores; os trabalhadores não estavam satisfeitos com o pagamento da renda da terra; os trabalhadores começaram a vislumbrar o não pagamento da renda da terra como uma possibilidade, ou ainda, começaram a planejar a luta pela terra como resolução para os problemas vividos, como é o caso do trabalhador rural e implicado no movimento de 1949 Alvinho Silva foi preso e fichado no DOPS por “fazer campanha” pelo não pagamento da renda aos fazendeiros (Prontuário 91.037 – Alvinho Silva.

² De acordo com o Relatório Policial assinado pelo Delegado de polícia Júlio de Andrade, em Votuporanga, no dia 24 de fevereiro de 1951, Zé Cearense fora preso em Três Fronteiras porque distribuía panfletos “subversivos” e fazia “propaganda comunista”. Prontuário 73.252 – José Antônio Figueiredo. DEOPS/SP, DAESP. Para os diversos movimentos sociais de trabalhadores em Fernandópolis no período de 1946 a 1964, Cf. MOREIRA, 2009.

DEOPS/SP, DAESP). Diante de todas essas problemáticas, a subjetividade de Anna Zendron e os significados que atribuiu à questão agrária e às diversas propostas em disputa estruturam a sua narrativa.

Para Anna Zendron o seu marido “caiu em contradição” e os valores cristãos de um “homem caridoso” foram ignorados em alguns momentos de sua trajetória de vida. Essa formulação em sua narrativa demonstra a sua perspectiva da validação das práticas de luta daquele período; a memória de um ato interpretativo emerge muito mais do que o ponto de vista de Zé Cearense. Nesse tempo, a família já morava na cidade e Zé Cearense trabalhava como corretor de imóveis. Certamente Zé Cearense – no trabalho de mediação junto aos demais trabalhadores e a partir de suas vivências enquanto trabalhador que formou muitas fazendas e que, talvez, também vislumbrava retornar ao trabalho na terra em outras circunstâncias, não mais como aquele que abria e formava as fazendas para os outros – concluiu que não estavam conseguindo convencer os proprietários de terra a ceder suas terras aos trabalhadores para o plantio a um pagamento justo pela renda da terra. É provável que muitos trabalhadores que passaram a organizar e participar de movimentos sociais de luta por direitos trabalhistas em associações profissionais, em “ligas camponesas”, contra a exploração da renda da terra e pela reforma agrária, compartilharam das perspectivas de Zé Cearense.

O enredo construído para a entrevista de Anna Zendron é familiar. Zenith esteve sempre presente durante a entrevista de sua mãe, ausentando-se uma vez ou outra. Em alguns momentos da entrevista Anna Zendron parecia solicitar com o olhar a aprovação da filha em relação à sua narrativa. Em um momento significativo da entrevista, quando a mãe afirmava a necessidade da “divisão da terra” para os trabalhadores poderem plantar, Zenith se expressa da seguinte forma: “Nossa mãe!”. Ao que a mãe em seguida diz: “É verdade!”. Isso aponta que Anna Zendron também “caiu em contradição” e defendeu a reforma agrária! Sobre o enredo familiar da entrevista, é significativa a narrativa de Zenith no momento em que a entrevista se encaminhava para o final:

Zenith: O pessoal mais assim quando chegaram pra cá, assim, isso quando meu pai comentava com a gente, porque meu pai era assim culto, não era estudado, não tinha diploma, mas muito, era culto, muito inteligente. Modesta parte, é chato falar, mas eu tenho que falar uma coisa verdade. [...] Só que eu acho assim, sabe, apesar de que, meu pai foi um cidadão, que fez muito por Fernandópolis, mas infelizmente, eu até gosto mesmo, porque eu

gosto de falar a verdade, porque está sendo gravado, até gostaria mesmo que um dia chegasse a esse ponto de eu falar. Mas ele não é muito bem reconhecido.

Anna Zendron: Não.

Zenith: Não.

Vagner: Por quê?

Anna Zendron: Ele foi muito caridoso com a pobreza.

Zenith: Olha, pelo seguinte, a gente faz o bem sem olhar a quem... [silêncio e choro].

Anna Zendron: Ela lembra de tudo, ela sofreu....

Zenith: Mas olha, eu fico sentida porque não tem uma escola com o nome dele.

Anna Zendron: No nome dele. E ele entrou na escola pra dar exemplo pra gente entrá...

Zenith: Não tem uma creche no nome dele. E ele foi um homem que ajudou muito. O pessoal antigo pode falar o que eu estou falando se é verdade ou mentira. [...]. Reconhecimento da, assim, do pessoal da política, entendeu? Tem o nome dele lá numa rua, mas é lá perto da Brasilândia. Não que isso vá me menosprezar, mas poxa ele foi um homem caridoso, sinceramente... têm cidadãos caridosos [...]. Se fez, fez igual. [...]. Tem os nomes aí e meu pai é esquecido. Inclusive, fiquei sabendo também, eu tenho amigas professoras, que quando saiu o livro, que até dona Rosinha comandou nesse livro, né. Então, teve gente que não queria que colocasse o nome do meu pai e essas pessoas não mentem para mim, não vieram com fofoca. Diz até que defendeu, né. Falou: “Como, um homem tão caridoso desse!?” Então, eu até teria vontade de fazer um artigo, falar na rádio, mas eu falei: “vou deixar pra lá, que manda os méritos são os espirituais e não os materiais”. E eu tenho certeza que ele está muito bem na parte espiritual. [...]. (ZENITH FIGUEIREDO, 2006).

A entrevista, para os sujeitos entrevistados, apresenta-se como um evento histórico em suas vidas. Para muitos, é a única entrevista concedida em toda a sua vida. Assim, significa um fato relevante na trajetória do entrevistado. O ato da entrevista constitui naquele momento em que o entrevistado poderá expressar a sua versão dos fatos, uma forma do narrador controlar o tempo e resistir ao esquecimento. A entrevista de Anna Zendron e a participação de Zenith têm esses significados³.

³ As autoras do artigo “Semente comunista em solo conservador”, Áurea Sugahara, Rosa da Costa e Perpétua de Matos Malacrida, ao entrevistar Luiza Silva dos Santos, esposa de Antônio Alves dos

Tanto a mãe quanto a filha caíram nas armadilhas da memória hegemônica e reivindicam um “lugar melhor” para José Antônio Figueiredo na “geografia” e no “mapa” da “memória da cidade”⁴. Todavia, a memória efetiva e dominante seleciona o quê lembrar e como lembrar. Os movimentos sociais de trabalhadores e os sujeitos de trajetórias de vida dissidentes, quando aludidos, são sempre descontextualizados e naturalizados. Os relatos ou as narrativas produzidas e disseminadas no social são despolitizados para não comprometer relações de poder hegemônicas. Os movimentos sociais dos trabalhadores, com seus sujeitos históricos e suas diversas práticas sociais, quando são referenciados nos textos da “narratologia burguesa” (FONTANA, 2004) os são a partir dessa perspectiva de cima para baixo. Em circunstância parecida, Alistair Thomson (1998: 283) afirma que “em vez de supor que as vidas e as memórias da classe trabalhadora, necessariamente, iriam desmascarar as poderosas memórias nacionais, comecei a perceber as contradições das vidas que se apresentavam a favor e contra as formações culturais dominantes.” Anna Zendron e Zenith parecem ter consciência desse processo ao construírem a imagem de “homem caridoso” para José Antônio Figueiredo.

Anna Zendron nutriu ressentimentos para com o “Partido Comunista” e para com os demais “camaradas” do partido. Pode-se identificar esse sentimento nos diversos silêncios no decorrer de sua entrevista, quando está se referindo ao partido e às diversas vezes que Zé Cearense foi preso. Em um trecho específico de sua entrevista, narra o seguinte:

Santos (Antônio Joaquim), em 23/07/1996, foram questionadas pela entrevistada: “Então com esse trabalho de vocês, vocês vão conseguir por qualquer uma praça, uma rua, com o nome do meu marido?” O áudio dessa entrevista está ruim, prejudicando a problematização da entrevista como um todo. As entrevistadoras privilegiaram como questões a trajetória de militância política de Antônio Joaquim no PCB, o levante de 1949, a vida de dona Luiza no período em que Antônio Joaquim viveu na clandestinidade. Dona Luiza enfatiza que Antônio Joaquim lutou na “Revolução de 1932” ao lado de Getúlio Vargas, sendo comandante militar no Porto de Brejaúva. De acordo com dona Luiza, parte do período em que esteve na clandestinidade, durante a década de 1950 e início da década seguinte, Antônio Joaquim viveu em Goiás e chegou ir para o campo se reunir com trabalhadores rurais, seguindo “a ordem do Partido”. Ao narrar sobre o quê Antônio Joaquim discutia nas reuniões, dona Luiza afirmou: “a reunião dele, fazia os esclarecimento que ele tinha que fazer, fazia, dava aquela demonstração para aquele pessoal que eles precisavam lutar, trabalhar para cada um pode possuí seu pedacinho de chão, para pode mora em cima, para não andar mais com a trouxa nas costas, né. A luta nossa foi grande, mas muita coisa a gente esquece, né”.

⁴ No artigo “Semente comunista em solo conservador” foi dada proeminência a militância e a tortura sofrida por José Antônio Figueiredo. Para isso as autoras usaram como referência a entrevista com um dos padres do período, José Jansen, Cf. COSTA; MALACRIDA; SUGAHARA, 1996.

Anna Zendron: Os outros que levaram e eles... Meu marido mesmo ficou preso dois anos e não é porque fez coisa errada, não. Não foi não. Eu perguntei pra polícia, como é que chama aquela polícia? Eu esqueço o nome...

Vagner: Não é o DOPS?

Anna Zendron: É do DOPS. Até falava assim pro José: “Tá vendo Zé? Os zoutros pega a panela põe no fogo e começa a mexê o angu, cai fora, deixa vocês. Vocês ficam caído aí e eles ficam caído fora.” (FIGUEIREDO, 2006).

No segundo trecho da narrativa Anna Zendron busca reproduzir um diálogo com marido e pontua o ritmo da fala batendo a mão – gesto expressivo de um sentimento ainda presente. Novamente a construção da narrativa adota determinados procedimentos para sustentar o estatuto da verdade histórica. O trecho da narrativa é significativo não apenas pela subjetividade denotada, mas, sobretudo, pela construção textual da frase ao remeter para imagens e relações vividas no cotidiano.

Anna Zendron, no trecho autobiográfico de sua narrativa, fez questão de ressaltar que sempre foi trabalhadora e com o trabalho de cozinheira sustentou a família no trabalho de formação de fazendas. A imagem “põe a panela no fogo e começa a mexê o angu, cai fora, deixa vocês” foi construída a partir de sua vivência enquanto cozinheira, representativa dos significados compartilhados socialmente. Para ser preparado e cozido o angu, não basta ralar o milho verde, coá-lo para retirar o bagaço do milho e levá-lo ao fogo com o tempero a gosto. É necessário mexer o angu no fogo quente durante todo o tempo em que este leva para ser cozido (correndo-se o risco de levar algum respingo quente nas mãos) – lembrando que, certamente, o angu era cozido em fogão a lenha. Essa parte da preparação do angu é a mais difícil e é aquela que a cozinheira passa o serviço para outra pessoa. O angu de milho verde, principalmente acompanhado de galinha caipira ao molho, é uma comida muito apreciada na região. O sentido popular para o vocábulo “angu” (como “confusão”, “complicação”, “intriga” e “angu-de-carço”) corrobora a imagem construída. A imagem, de fácil compreensão popular, expressa de modo singular o ponto de vista de Anna Zendron sobre como alguns trabalhadores avaliavam, no seu cotidiano, determinadas propostas que vinham de cima (PCB) e prontas para eles executarem. A narradora avalia como inoportunas as propostas de ocupação e tomada da cidade – isso, certamente a partir das circunstâncias vividas por ela e sua família durante as diversas prisões e todo o tempo que José Antônio Figueiredo ficou preso.

A entrevista com Anna Zendron foi motivada, inicialmente, por ser ela esposa de Zé Cearense e, de alguma forma, ter vivenciado o movimento de trabalhadores de junho de 1949, assim problematizar os sentidos sociais construídos para o acontecimento. No entanto, preso às questões relativas às condições de vida dos trabalhadores, apenas depois de mais de 10 minutos de entrevista elaborei o seguinte questionamento a Anna Zendron:

Vagner: Então, porque teve depois aquele movimento de revolução agrária, a impressão que dá que para as pessoas lutarem por terra é porque estavam precisando?

Anna Zendron: É isso daí eu não tô lembrada, não.

Vagner: Não?!

Anna Zendron: Negócio de terra, como é que fala, que ele falou? [Olhando para sua filha].

Vagner: Revolução agrária?

Anna Zendron: Revolução. Não me lembro desse caso assim. Desse eu não lembro. Porque seu pai ele conversava muito, mas isso daí ele não...

Vagner: Não? Porque ocorreu aquele levante em 49, né? O levante lá que tem o seu Antônio Joaquim.

Anna Zendron: Ah bom!

Vagner: Então, porque lá eles falavam de revolução agrária? A impressão que dava é que havia uma necessidade?

Anna Zendron: É o Partido Comunista. E eles queriam que quem tinha mais repartisse pros lavrador.

Zenith: É isso aí que ele quer saber.

Anna Zendron: É, teve isso mesmo. Teve. Inclusive meu marido também tinha simpatia por isso.

Vagner: Então, as pessoas precisavam, tinha necessidade, como era a vida dessas pessoas?

Anna Zendron: Tinha. Eram gente pobre demais, então o José e uma turma aí foi e falou: “Olha fazê isso. Quem não pode comprá um lote inteiro compra meio lote. Quem não pode comprá uma parte que dá pra plantá e colhê, compra menos, pra pode ajuda todo mundo.” Então, a dificuldade era a situação financeira. Esse que foi mais difícil. Então foi aonde que às vezes, houve, tinha gente que tinha e alguns que queria terra, pega terra, sabe? Pega a vontade sem, mas (...) [nesse momento utiliza um termo indecifrável] um contratempo aí que num pediu, né, pra fazer isso.

Vagner: Como assim?

Anna Zendron: Assim, eu diria pessoas pobres que queria tentá, mas quem tinha terra não queria dá terra. E ele não podia, por exemplo, que jeito ele ia tentá [apertá]? Eles queria terra, ele plantava, e dava terra, uma parte, conforme a colheita, dava uma parte mais um (...). Acho que não tinham (...). Sei lá que jeito (...) tudo isso aí ó. Tem muita coisinha desse jeito que num, as pessoas, coitada, às vezes não tinham condições de vir prá cá. Sertão do sertão, eles achavam que vinham pro sertão e que as terras tava à vontade. Às vezes pensava isso, não é verdade? Então, aonde que, às vezes eu... Meu marido ajeitou até muitos, muitos que tinham sítio, tinha chácara, que tinha terreno que dava pra plantá: “Cede um pedaço aí pra ele, na hora que ele colhê, o cê conversa com ele, passa um papel aí assina, ele assina pra você. E você dá a terra. Você vai plantá nessa terra?” “Não.” “Então, dá a terra pra ele plantá ele colhe e você terá sua parte.” Porque, de fato, sabe, pra cá, quando iniciou isso daqui, vem mais gente pobre mesmo, pra cá [...].(FIGUEIREDO, 2006).

Como se pôde perceber, o historiador também caiu em uma armadilha! A noção “revolução agrária”, amplamente utilizada no inquérito policial e no processo criminal instaurado para criminalizar os trabalhadores implicados no movimento de junho de 1949 constituía-se num termo para o proselitismo político do PCB – veja-se “*Como enfrentar os problemas da revolução agrária e antiimperialista*” (PRESTES, 1948) – e artifício utilizado pelos delegados do DOPS ao politizar, descomedidamente, a luta dos trabalhadores e enquadrá-la no contexto da Guerra Fria. A noção “revolução agrária” provavelmente não era utilizada pelos trabalhadores para descrever os movimentos que se sentiam motivados a organizar e participar.

Por outro lado, o trecho da narrativa de Anna Zendron corrobora a versão do movimento como “levante comunista” organizado pelo Partido Comunista quando enfatiza a questão agrária, principalmente os problemas relacionados aos trabalhadores arrendatários de terra para o plantio e a mediação de Zé Cearense e de outros sujeitos na resolução desses problemas. Na narrativa de Anna Zendron parece que os trabalhadores estavam encontrando dificuldades para o arrendamento de terras para plantar e morar ante outro projeto em elaboração para o campo naquele momento – certamente vinculado a formação de fazendas para a pecuária. Uma vez formado o pasto, não eram mais necessários tantos trabalhadores arrendatários de terra. Talvez tenha sido essa razão que levou a família de Zé Cearense a deslocar-se do campo para a cidade.

Utilizando a imagem “sertão do sertão” como uma região desabitada e de floresta para referir-se a Fernandópolis, Anna Zendron acrescenta outra imagem significativa: os trabalhadores vinham para a região de Fernandópolis com expectativas referentes à imagem de que “as terras tava à vontade”. Ou ainda, em uma “região de fronteira”, que estava começando, poderia ser mais fácil conseguir um pedaço de terra e construir a vida. Contudo, parece que o problema também era “financeiro”. A terra não estava “à vontade” para ser apropriada e possuída, imagem que remete aos tempos imemoriais e à idéia de que ainda era possível ser posseiro e ocupar as terras devolutas. Contudo, no tempo vivido pelos trabalhadores em Fernandópolis, a terra já se constituía em propriedade privada – em mercadoria, que, para ter-lhe acesso, era necessário comprá-la. Como afirmou Anna Zendron, esses trabalhadores eram “pessoas pobres”, proletários sem terra que vivia do salário.

As narrativas de Ana Zendron e de sua filha Zenith permitem problematizar as vivências dos trabalhadores e as disputas em torno da memória dos movimentos sociais dos trabalhadores na região de Fernandópolis. Nesse breve artigo, busquei demonstrar as possibilidades dos usos da fonte oral à medida que privilegiamos as propriedades específicas do material.

Referências Bibliográficas

COSTA, R. M. S.; MALACRIDA, P. M. M. M.; SUGAHARA, A. M. A. Semente comunista em solo conservador. In: PESSOTA, A. J. et al. **Fernandópolis: nossa história, nossa gente**. Fernandópolis: Bom Jesus, 1996.

FIGUEIREDO, A. Z. Entrevista realizada com Ana Zedron Figueiredo e Zenith Figueiredo por Vagner José Moreira, em 04/09/2006.

FONTANA, J. **A história dos homens**. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

KHOURY, Y. A. Apresentação. In: PORTELLI, A. **Ensaio de história oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

_____. Historiador, as fontes orais e a escrita da história. In: ALMEIDA, P. R.; KHOURY, Y. A.; MACIEL, L. A. (Orgs.). **Outras histórias: memórias e linguagens**. São Paulo: Olho d'Água, 2006.

_____. Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história. In: FENELON, D. R. et al. (Orgs.). **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Editora Olho d'Água, 2004.

_____. Narrativas orais na investigação da História Social. **Projeto História**, São Paulo, v. 22, p. 79-103, jun. 2001.

MOREIRA, V. J. **Memórias e histórias de trabalhadores em luta pela terra: Fernandópolis-SP, 1946-1964**. 2009. 266 f. Tese (Doutorado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia, UFU, Uberlândia, 2009.

PESSOTA, A. J. et al. **Fernandópolis: nossa história, nossa gente**. Fernandópolis: Bom Jesus, 1996.

PORTELLI, A. A filosofia e os fatos. Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. **Tempo**, Rio de Janeiro: vol. 1, nº. 2, 1996a.

_____. Forma e significado da representação histórica. A Batalha de Evarts e a Batalha de Crummies (Kentucky: 1931, 1941). **História & Perspectivas**, Uberlândia, n. 39, p. 181-217, jul. dez. 2008.

_____. Forma e significado na história oral. A pesquisa como um experimento em igualdade. **Projeto História**, São Paulo, Educ, n. 14, p. 25-39, fev.1997a.

_____. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana: 29 de junho de 1944): mito, política, luto e senso comum. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. M. (Coords.) **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996b.

_____. “O momento da minha vida”: funções do tempo na história oral. In: FENELON, D. R. et al. (Orgs.). **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Editora Olho d’Água, 2004.

_____. O que faz a história oral diferente. **Projeto História**, São Paulo, Educ, n. 14, p. 25-39, fev.1997b.

_____. Sonhos ucrônicos. Memórias e possíveis mundos dos trabalhadores. **Projeto História**, São Paulo, Educ, nº. 10, p. 41-58, dez/1993.

_____. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre ética na história oral. **Projeto História**, São Paulo, Educ, n. 15, p. 13-49, abr. 1997c.

PRESTES, L. C. Como enfrentar os problemas da revolução agrária e antiimperialista. **Problemas**, Rio de Janeiro, n. 9, p. 18-42, abr. 1948.

PROCESSO CRIME, n. 140, de 23 de agosto de 1949. Comarca de Votuporanga-SP, 1949.

THOMSON, A. Quando a memória é um campo de batalha: envolvimento pessoais e políticos com o passado do Exército Nacional. **Projeto História**, São Paulo, n. 16, p. 277-296, Educ, fev. 1998.

WILLIAMS, R. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.